



TORRE DE HÉRCULES

Idade Antiga

A Torre de Hércules na época romana

Desde o século II a. C., na Hispânia, observa-se uma crescente intensificação das relações comerciais com o noroeste peninsular. A expedição de Décimo Júnio Bruto, que penetrou na região galaica pelo sul através de Portugal, é uma prova irrefutável deste intercâmbio em datas muito recentes. No ano 61 a. C., segundo Dião Cássio, foi o próprio Júlio César, que se encontrava em Cádiz, quem dirigiu a expedição que chegou pelo mar a Brigantium, (actual A Corunha) com o objectivo de estabelecer contactos comerciais, que puderam ser materializados na fundação de um pequeno estabelecimento colonial de importância estratégica nos limites do Império.

Obviamente, Brigantium converteu-se num porto importante da retaguarda durante as Guerras Cântabras (29-19 a. C.), com um papel relevante na distribuição de homens e materiais para a contenda. Posteriormente, durante a paz de Augusto, produziu-se um incremento significativo das relações comerciais que se plasmou no desenvolvimento da estrutura viária e no incremento do tráfego marítimo, que favoreceram um processo de profunda romanização. Neste contexto, o noroeste peninsular converteu-se num território fundamental na conquista de Britânia e o porto de Brigantium num dos principais pontos de arribada da via XX, mais conhecida como per loca maritima autêntica, na que se refugiaram as armadas romanas no seu caminho à conquista da Britânia. Este interesse militar justificaria a construção de um farol de grandes proporções na entrada do Golfo Ártabro, porque desde Gibraltar até Fisterra os navios navegavam paralelos à costa, a umas poucas milhas do litoral, seguindo a per loca maritima, mas uma vez chegados a Brigantium deviam orientar as proas dos seus barcos ao canal da Mancha e aos territórios do norte, para adentrarem-se num mar aberto e muito batido no que perdiam o referente da costa até chegarem à Bretanha francesa.

No século V da nossa era, o farol ainda tinha uma importância muito destacada. O cronista Paulo Orósio, discípulo de Santo Agostinho de Hipona, sinalava na sua obra a Cosmografia que "o segundo ângulo da Hispânia está orientado ao norte, onde a cidade galaica de Brigantia eleva para observação [do mar] de Britânia o seu altíssimo farol e digno de menção entre muitas poucas coisas".

Datação da obra

Desconhecemos a data exacta da construção da Torre, que estaria compreendida entre o século I e princípios do século II d. C. Os diversos autores que abordaram o tema inclinam-se por duas datas diferentes: o momento posterior às Guerras Cântabras (29-19 a. C.) ou a época de Trajano (98-117 d. C.), na que a inversão no capítulo referente a obras públicas na Hispânia foi certamente importante.

A inscrição latina que se conserva aos pés do monumento pode contribuir à sua datação. Esta está dedicada a Marte, o deus da guerra. É possível que esta dedicatória obedeça ao desejo de agradecer a sua intercessão durante a contenda. O noroeste peninsular não se viu afectado por guerras, a excepção das Guerras Cântabras, por isso é possível que no texto se esteja aludindo concretamente a esse episódio.

Ademais, segundo Rodríguez Colmenero, o facto de que se lhe dê a Marte o apelativo de Augusto, permitiria datar a inscrição em tempos do imperador Júlio César ou Octávio Augusto, o que daria força ao argumento de que foi durante o século I d. C. quando se edificou o farol. As prospeções arqueológicas realizadas na planície e na base da Torre demonstram a existência de um nível de ocupação pertencente a esse momento.

A segunda hipótese, e talvez a que conta com mais adeptos, vincula a construção a tempos do imperador Trajano (98-117 d. C.). Foi Cornide Saavedra o primeiro que se decantou por esta cronologia, baseando-se em que o farol era um sistema de apoio às esquadras militares que se dirigiam à Britânia e que, portanto, seria a partir do século II quando se justificaria a sua presença. Ademais, considera que se tivesse existido a Torre com anterioridade ao século II, teria que ter ficado alguma constância nas obras de Estrabão, Pompeio Mela e Plínio o Velho, que descreveram com detalhe a costa de Brigantium e que citaram outros faróis como o de Chipiona em Sanlúcar de Barrameda (Cádiz-Espanha), porém não a Torre de Hércules.

Nesta mesma linha se manifestaram Urgorri Casado e Laredo Verdejo (1992-1993, pp.161-176), que desde âmbitos diferentes do saber, como a matemática e a astronomia náutica, defendem situar a construção da Torre nos primeiros anos do II d. C.

A estas duas datações podemos somar uma terceira, defendida por Bello Diéguez quem situa, segundo as suas últimas descobertas arqueológicas, a construção do farol durante o mandato do imperador Domiciano (81-96 d. C.).



TORRE DE HÉRCULES

Possível autor do farol

A autoria da Torre de Hércules segue sendo um tema controvertido. Aos pés do farol conserva-se a inscrição votiva dedicada ao deus Marte pelo arquitecto Caio Sévio Lupo. Como se trata de um voto particular a Marte e não há uma relação clara com a obra da torre, alguns autores pensaram que o montículo onde se levanta o farol poderia ser com anterioridade um lugar sagrado, consagrado ao deus da guerra. No entanto, esta postura, que foi defendida pelos autores como Ocampo e o Padre Mariana, é questionada na actualidade, a raíz das últimas investigações.

A maioria dos autores consideram que tudo parece estar a favor da relação entre a inscrição e a Torre; a sua proximidade imediata e o facto de que o outorgante seja um arquitecto e que proceda de Aeminium, a actual Coimbra (Portugal), cidade próxima a Bracara Augusta situada na via XIX, chamada Via Nova, parecem ser argumentos suficientes para reconhecer a Caio Sévio Lupo como o responsável da construção da Torre.

Isso não quer dizer que o arquitecto consagre a Marte Augusto a própria Torre, senão que se pode supor que o consagrado fosse mais bem uma estátua, cuja existência foi proposta baseando-se nos orifícios que se conservam na parte superior da roca e nos restos de bronze dourado que foram localizados nos arredores da inscrição durante as excavações de 1992.

Não é frequente que conheçamos o nome dos artífices de uma obra destas características, mas Sostrato de Cnido parece que foi o arquitecto do farol de Alexandria, e Cares de Lindos e Lachus os autores da figura de bronze do Colosso de Rodas. Neste contexto pode-se entender que Caio Sévio Lupo deixe aos pés da Torre de Hércules uma inscrição na que aparece o seu nome.